

Bonhoeffer
para todos

STEPHEN R. HAYNES
LORI BRANDT HALE

Bonhoeffer *para todos*

Ilustrações de Ron Hill

Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes

ultimato 

VIÇOSA|MG

BONHOEFFER PARA TODOS

Categoria: Biografia / Teologia / Vida Cristã

Copyright © 2009 por Stephen R. Haynes e Lori Brandt Hale

Ilustrações © 2009 por Ron Hill

Publicado originalmente por Westminster John Knox Press

Título original em inglês: *Bonhoeffer for Armchair Theologians*

Primeira edição: Abril de 2020

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Patrícia Nunan

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia C. Nunes

Ilustração de capa: Ron Hill

Os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica, e visam incentivar a leitura das Sagradas Escrituras.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Biblioteca: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

H424 Haynes, Stephen R.

Bonhoeffer para Todos / Stephen R. Haynes e Lori Brandt Hale ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultmato, 2020.

168 p. ; 21 cm.

Título original: *Bonhoeffer for Armchair Theologians*.

ISBN 978-65-86173-00-0

1. Bonhoeffer, Dietrich, 1906-1945. 2. Teólogos - Biografia - Alemanha. 3. Vida cristã. I. Hale, Lori Brandt. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título.

CDD 922.2

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultmato.com.br

Sumário

1. Vida	7
2. Cristo existindo como comunidade	81
3. A graça que custa muito	95
4. <i>Stellvertretung</i> e ética como formação	109
5. Cristianismo sem religião	121
6. Legado	141
Notas	155
Leitura complementar	165



CAPÍTULO 1

Vida

MUITOS relatos sobre a biografia de Bonhoeffer começam pelo final, sugerindo que o significado de sua vida só pode ser compreendido se voltarmos ao seu passado, a partir de sua resistência antinazista, de sua prisão e de sua execução. Mas tentaremos examinar a vida de Bonhoeffer como ela foi vivida – do início ao fim. Tudo começou em um período relativamente idílico em que termos como “guerra mundial”, “fascismo” e “genocídio” ainda não faziam parte do vocabulário europeu.

HISTÓRICO FAMILIAR

A família de Bonhoeffer legou a ele uma herança digna de orgulho. Além de um patrimônio material – que incluía os escritos de

Lutero e de Schleiermacher e um anel de sinete com o brasão do século 16 da família Bonhoeffer, ancestrais de Dietrich (os Bonhoeffer, os von Hase e os Kalckreuth) –, foram-lhe legados um intelecto aguçado, uma impressionante aptidão musical e uma situação de vida muito confortável.

Seu bisavô, Karl August von Hase, era professor de história dogmática e da igreja, convidado por Johann Wolfgang von Goethe para lecionar na Universidade de Jena. O filho de Karl August, Karl Alfred (avô materno de Dietrich), era capelão de Guilherme II, da Prússia. Seu filho Hans von Hase (tio de Dietrich) era pastor na zona rural.

Do lado paterno, os ancestrais de Bonhoeffer incluíam respeitáveis funcionários do governo, bem como socialistas, maçons e swedenborgianos. Sua avó paterna chamava-se Julie Tafel Bonhoeffer; era uma mulher enérgica cuja independência e cujo pensamento progressista impressionavam o jovem. Ele viveu na casa dela durante seu primeiro ano de estudos universitários.

Karl Bonhoeffer, pai de Dietrich, era psiquiatra e iniciou a carreira profissional em 1893, na cidade silesiana de Breslau (atualmente Breslávia, na Polónia), que tinha mais de 400 mil habitantes na virada do século 20.

Três anos depois, Karl conheceu a mãe de Dietrich, Paula von Hase, cujo pai havia se tornado recentemente oficial da igreja e professor na cidade. Eles se casaram em 1898 e começaram a formar a família no ano seguinte. O casal teve oito filhos na década seguinte, incluindo os gêmeos Dietrich e Sabine, em 1906.

Os Bonhoeffer moravam em uma casa espaçosa com meia dúzia de criados e, pelo menos, o mesmo número de animais de estimação. Logo haveria também uma casa de verão nas montanhas Harz. As crianças receberam a educação fundamental de sua mãe, que muitas vezes acompanhava Dietrich ao culto, a despeito do fato de os Bonhoeffer não serem frequentadores assíduos da igreja.

INFÂNCIA E ESTUDOS

Em 1912, a família Bonhoeffer se mudou para Berlim, onde Karl havia sido nomeado chefe do Departamento de Psiquiatria do prestigiado Hospital Charité. No ano seguinte, Dietrich começou a frequentar o ensino médio (em uma escola alemã, orientada às ciências humanas, que preparava os alunos para o ensino universitário). Além de sobressair-se nas disciplinas humanistas, Dietrich se tornou um exímio pianista e tocava sonatas de Mozart, já aos dez anos de idade.

Em 1916, a família dele se mudou para uma casa na Wangeenheimstrasse, no distrito de classe média alta de Grunewald. Em 1917, Karl-Friedrich e Walter, irmãos mais velhos de Dietrich, foram convocados para o serviço militar. Em duas semanas, Walter morreu por causa de ferimentos provocados por estilhaços metálicos de bombas enquanto marchava para a linha de frente da batalha.

Dietrich, com 12 anos de idade, recebeu a Bíblia de confirmação de seu irmão e um apreço permanente pelo custo humano da guerra. Aos 13 anos, ele começou a frequentar o ginásio Grunewald (o atual ginásio Walter-Rathenau), de onde se podia ouvir o tiroteio entre os comunistas e os defensores da incipiente República de Weimar. Dietrich era um ótimo aluno, mas não excepcional. Seu certificado de conclusão indicava um jovem “muito bom” em termos de comportamento, “bom” em religião, “satisfatório” em inglês e “insatisfatório” em caligrafia.

O QUE VOCÊ QUER ESTUDAR?

Dietrich foi abençoado (e amaldiçoado?) por nascer em uma família de homens bem-sucedidos. Quando começou a traçar uma direção na vida, seu irmão mais velho, Karl-Friedrich (nascido em 1899), estava prestes a tornar-se um físico de renome mundial; antes de sua morte prematura, Walter (1899–1918) havia demonstrado grande facilidade linguística; e Klaus (nascido em

1901) era um violoncelista talentoso e um promissor estudante de direito. Além disso, o pai dos meninos ocupava a principal posição de professor de psiquiatria e neurologia no país. Como o jovem Dietrich lidaria com a pressão de ter sucesso em uma família assim? Ao se estabelecer em um território desconhecido pelos Bonhoeffer de sua geração.



A despeito dos primeiros sinais de devoção religiosa e da proeminência de antepassados que haviam sido pastores e teólogos, foi uma surpresa quando Dietrich, aos 13 anos de idade, anunciou que estudaria teologia. Segundo Eberhard Bethge [o melhor amigo e confidente teológico de Bonhoeffer], seus irmãos “tentaram convencê-lo de que ele estava seguindo o caminho de menor resistência e de que a igreja à qual ele se propunha a dedicar-se era uma instituição pobre, débil, enfadonha, mesquinha e burguesa”. Sem se deixar desanimar, Bonhoeffer, ao que consta, respondeu: “Nesse caso, irei reformá-la!”¹.

Seus pais, por sua vez, temiam que o filho tivesse de suportar uma “vida de pastor monótona”, enquanto deixava escapar sua verdadeira vocação – que acreditavam ser a música. Contudo, Dietrich se manteve firme em sua decisão [pela teologia]. Enquanto ainda estava no ensino médio, ele estudou hebraico e leu Friedrich Schleiermacher, pai da teologia protestante “liberal”. No entanto, Dietrich permaneceria dividido por algum tempo entre o estudo teológico como uma “ciência” (isto é, um ramo do conhecimento) e o serviço à igreja.

TÜBINGEN, ROMA, BERLIM

Se a escolha do campo de estudo de Dietrich foi surpreendente, o mesmo não aconteceu com a escolha da universidade. No outono de 1923, em meio à instabilidade política e à hiperinflação, ele seguiu a tradição da família e matriculou-se na Universidade de Tübingen.

O trabalho acadêmico de Dietrich durante seus dois semestres nessa universidade incluiu lógica, epistemologia, música, ciência política e história das religiões, além de assuntos bíblicos, referentes à história da igreja, e dogmáticos. Ele, porém, ainda teve tempo para se juntar à fraternidade Hedgehog, da qual seu pai e tio haviam sido membros, e passar 14 dias em treinamento militar. Bonhoeffer se sentiu obrigado a “cumprir seu dever por duas semanas”, caso se tornasse necessário proteger a república de forças radicais. Foi a única vez que Bonhoeffer teria sido um soldado.

No final de 1923, a hiperinflação tornou a vida longe de casa um fardo para a família de Bonhoeffer. (Em agosto, ele escreveu aos pais solicitando “um adicional de dez milhões” de marcos para comprar comida. Algumas semanas mais tarde, ele relatou que “cada refeição [custava] dez bilhões”). Mas, antes de retornar a Berlim, Dietrich os convenceu a deixarem-no passar um semestre em Roma, onde, assegurou-lhes, o estudo seria “muito menos dispendioso”.

Em abril, ele e o irmão Klaus atravessaram os Alpes e começaram o que Bonhoeffer mais tarde chamou de “um período de estudos especiais”. O foco principal desses estudos acabou por ser a exploração. Os irmãos visitaram Bolonha, Florença, Siena, Pompeia, Milão e a Sicília. Na Líbia, para a qual navegaram em meio a uma “multidão colorida... [de] militares, imigrantes, turcos e árabes”², os Bonhoeffer tiveram contato com a cultura islâmica.



Mais do que qualquer outro lugar que ele visitou, porém, o jovem Bonhoeffer ficou encantado com a Roma católica, sobretudo a maneira como ela simbolizava a igreja como uma entidade universal tangível, com raízes antigas. No Domingo de Ramos de 1924, Dietrich assistiu à missa na Igreja de São Pedro, para onde ele retornaria várias vezes durante a Semana Santa.

Durante uma segunda estadia em Roma, Bonhoeffer até se encontrou com o papa. Em junho de 1924, por fim, retornou a Berlim e matriculou-se na Universidade Friedrich Wilhelm (mais tarde, Humboldt), onde permaneceria aluno até julho de 1927.